

O carro apitou três vezes. Lá em cima, a setenta metros acima da água, o silvo da buzina, três vezes repetido, soou como uma saudação. De boas-vindas. De alegria pelo aparecimento da Ponte, que demorara noventa anos a chegar. Estava-se no princípio da tarde de sábado, 6 de Agosto, e, depois, de se ter ouvido o *claxon* do primeiro carro não-oficial que com o motor a trabalhar ia atravessar o Tejo de Cailhas a Alcântara, a grande festa começou.

*

Uma festa sem povo não é festa. E para que a grande festa que foi a inauguração da Ponte atingisse a alegria que a importância do acontecimento sem dúvida justificava, faltava que fesse a população a fazer ela a sua própria festa. Durante mais de trinta horas, desde essa tarde de sábado, até à madrugada de segunda-feira, houve festa, da verdadeira e da boa sobre o mais longo tabuleiro suspenso do mundo.

*

O carro apitou três vezes. E depois dele, outro, ainda outro, e todos os outros. Ai estava a festa. Mais do que a «Aleluia», de Händel, que se tinha escutado às 10.45, como início das comemorações oficiais da inauguração, o buzinar constante de todos aqueles veículos constituiu a verdadeira, a grande sinfonia de homenagem à Ponte, que passava a pertencer a todos aqueles que viessem a utilizar-se dela.

*

Cinco mil carros por hora, cruzaram o Tejo, a gozar o panorama espectacular que se poderia desfrutar sobre o rio, a bordo de um avião que voasse apenas a setenta metros de altura, e que não fosse além da velocidade de trinta quilómetros horários. Mas além do panorama, alguma coisa mais se oferecia ao automobilista, sedento de momentos únicos, daqueles que fazendo parte da história, nunca mais se repetem — é que estava a ser «um dos portugueses que inaugurara a Ponte», o que, ainda que não seja nada que se possa vender, é no entanto, um «ponto de honra» de que cerca de meio milhão de portugueses não quis abdicar.

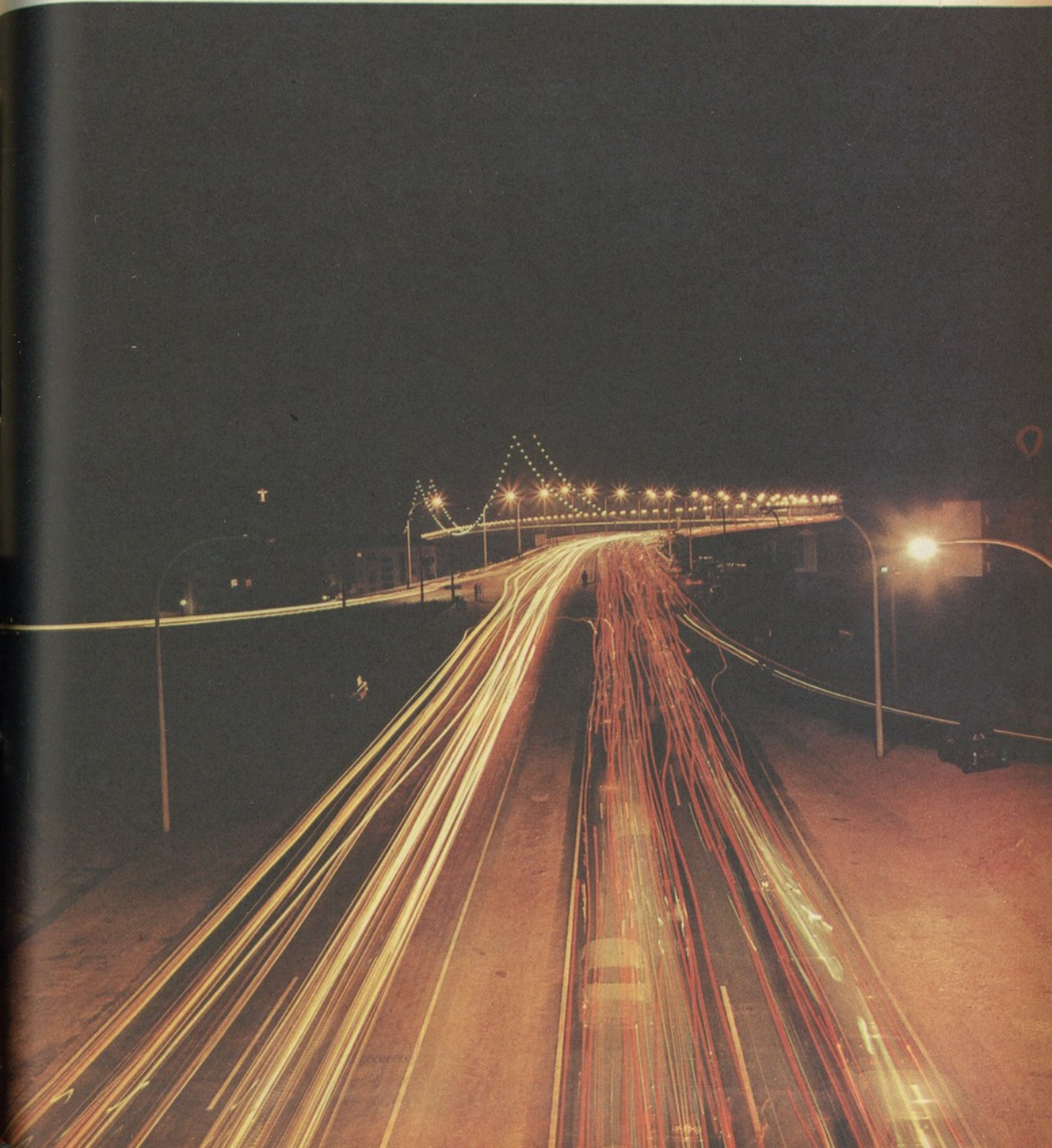
*

Mais de cento e sessenta mil veículos, transportando cerca de meio milhão de pessoas, fizeram a grande festa. Mas para a fazer

(Continua na pág. 24)

A PONTE

um sonho de noventa anos



A PONTE

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

tiveram que «passar o seu botado». Horas à espera, «bichas» e mais «bichas» mas... valeu a pena. A Ponte aí estava e já lhes pertencia. Já tinham podido passar por ela...

★

Houve longas e intermináveis filas de automóveis, que provocaram engarrafamentos monumentais no primeiro fim-de-semana de Agosto. A fisionomia da cidade foi por completo alterada, mas o lisboeta, pela forma como «se apresentou» à Ponte, depois de esta «lher sido apresentada» ao cabo de quase quatro anos de crescimento rápido e gradual, já não estranha a presença do gigante de setenta mil toneladas de aço e duzentos e cinquenta mil metros cúbicos de betão.

★

Não há dúvida que o panorama é deslumbrante. Mas, assusta, também. Nas faixas centrais, aquelas que, lá em baixo deixam ver o rio, — «que parece à nossa espera», como ouvimos um automobilista dizer-nos, depois de consumada a «heróica» travessia, — sente-se o vento a penetrar por debaixo do veículo e a fazê-lo estremecer. Alguém, nos dizia, que, só metade de cada via era alcatroada, pois era necessário permitir-se que o vento não fizesse estremecer totalmente a Ponte, e que tivera de tomar-se essa precaução em virtude da sua altura e da sua extensão, maiores do que em quaisquer outras construções semelhantes.

★

Junto aos acessos para a ponte, encontrámos ardinas vendendo um livro chamado «A Ponte sobre o Tédio», deliciosa «charge» à construção da Ponte, e que o «alfacinha» ansioso por saber as últimas anedotas, comprou avidamente, fazendo com que a edição rapidamente se esgotasse. Durante esse sábado e esse do-

mingo, Lisboa foi assaltada por um nunca mais acabar de ditos e anedotas, apenas comparáveis em graça e quantidade àqueles que atravessaram o país de lés-a-lés, depois dos «Cinco-a-um de Manchester».

★

Muitas indicações tinham sido dadas aos automobilistas, em ordem a que o trânsito se fizesse sem atritos e sem perigo. Não se podia conduzir a mais de sessenta quilómetros nem a menos de trinta, não se podia deitar pontas de cigarro para fora dos veículos, etc. A propósito, cuvimos comentar:

— É que pode ir a passar algum petroleiro, e como o lume dos cigarros se activa, devido ao atrito com o ar, lá se vai o petroleiro pelos ares, e até a ponte, porque a explosão, não deve ser nada pequena...

Logo, um «amigo da onça» que ouvira a conversa, e que ainda trazia «A Ponte sobre o Tédio» debaixo do braço, acrescentou:

— Pois é, e muito menos cuspir. Calcula que vai a passar um barco a vapor, e que o motor se apaga...

★

E outro automobilista, vítima das «anedotas da ponte», dizia para um seu amigo, provavelmente benfiquista:

— Esta ponte vai beneficiar sobretudo o Benfica. Como o Benfica já foi eliminado da Taça dos Campeões Europeus e não pode concorrer à Taça das Taças, por não ter ganho a Taça de Portugal, pode concorrer à «Taça das Cidades com Feira» e, agora, também, à «Taça das Cidades... com Ponte.»

★

E perguntava outro dos espirituosos, dos tais que devem direitos ao autor da «Ponte sobre o Tédio»:



— Aquela miúda que está a dar explicações ali junto à Portagem, não será a... «Maria da Ponte?»

— Talvez seja, mas não acredito que lhe façam um hino...

(Continua na pág. 50)

